

Excesso de Prazo

O que ficou estabelecido no ano passado foi o seguinte: Faríamos um grande esforço para reunir a manifestação de 20% dos representantes adimplentes da Mensa Brasil e através de instituto previsto no nosso estatuto seria proposta a intervenção do Conselho Executivo da Mensa, que seria responsável pela transição entre as gestões da associação.

Quando isso foi discutido, pareceu algo fácil de se fazer, porém, é nítido que não tem sido tarefa simples. Precisamos de mais engajamento de todos os associados, a fim de que manifestem suas vontades, através de petição assinada, dirigida ao Presidente da Mensa, solicitando a convocação de assembléia. O modelo dessa petição será novamente enviado a todos os associados, por meio de todas as listas da Mensa Brasil.

Esperamos que o maior número possível de associados se manifeste e que possamos rapidamente concretizar o planejado e exposto no último AG.

Coordenação da Mensa Rio

Tendo em vista os rumos da Mensa, resolvi me dedicar aos projetos mais recentes de reconstrução e

desenvolvimento de nossa associação. Para tanto, recorri a meu amigo e antigo Coordenador da Mensa Rio, Francisco José Espínola, que prontamente aceitou o cargo que ocupo desde 2004. Foi a melhor opção para que possa concentrar esforços no jornal e no Comitê Executivo. Desejo muita sorte ao novo Coordenador da Regional do Rio de Janeiro.

AG 2009

Desde já, está aberto o canal entre a Mensa Brasil e seus associados para a realização de nosso encontro anual. Qualquer sugestão ou crítica será aceita e debatida com os organizadores.

Convergindo, também serão aceitas propostas fechadas para a realização do evento, que pode perfeitamente ocorrer em cidade e formato diferentes. E-mail para ombudsman@mensa.org.br.

Falecimento

Faleceu no dia 22 de janeiro de 2009, aos 28 anos de idade, o mensan Plínio César Araújo da Silva. Ele vivia na cidade de São Paulo e era Oficial de Polícia Militar. Terceiro filho de quatro irmãos, era solteiro e morava com sua mãe, não tinha filhos. Está enterrado no cemitério do Carmo II.

“As pessoas não sabem o que querem até você mostrar a elas...” Steve Jobs

Tendo sem vista a decisão presidencial de homologar o acordo para homogeneizar a Língua Portuguesa, o editorial sente-se na obrigação de se manifestar e informar que a partir do segundo semestre já estará na linha...

Precisamos nos atualizar e isso leva algum tempo. Para quem escreve ao jornal o prazo é o mesmo... a partir de julho, só será publicado material que já estiver nos novos padrões ortográficos.

Mensa Estados Unidos
(www.us.mensa.org)

Em homenagem à posse de Barack Obama, resolvi passear pelo site americano da Mensa. Eles não são parâmetro, pois contam com milhares e milhares de integrantes. A impressão é que tudo fica mais fácil...

Fiquei com uma idéia apenas, pois teria de ocupar o jornal inteiro para falar de tudo – e não seria suficiente. O que mais me chamou a atenção no site foi um benefício introduzido recentemente, chamado de “career link” - uma espécie de rede que gerencia currículos profissionais. Funciona assim: O associado pode publicar gratuitamente um currículo anônimo e aguardar propostas de emprego ou candidatar-se a vagas divulgadas pelo serviço. Isso é incrível!! Lembro que isso já foi comentado aqui no Brasil, mas, como muitas de nossas idéias, não foi colocado em prática. É possível realizar algo desse porte? Encontrei quase 9 mil empregos no site. Visitem: www.careerlink.us.mensa.org



Não gosto de samba! Não gosto! Mas sou um bom sujeito. Sou mesmo! Não sou doente do pé. São perfeitos! Os dois. Talvez ruim da cabeça. Um pouco! Psicoterapia. Meu médico receitou. Arritmia por causa do estresse, não sei. Depressão com um toque de TOC, talvez. Mas eu não era louco! Eu não sou louco! Eu não sou louco! Pois é o que todos dizem. É este aqui, podem levar! Mas eu não estava nesse ponto. Só preciso me tratar. Fui à consulta, estava lá. Eu não tinha nada grave. Nada para se estranhar. Olhar na rua, se virar. Era normal a olho nu. Homem distinto, elegante. Não gosto e nem vou gostar! De samba. Não gosto! Por certo não sabiam o que eu estava a fazer lá. Não gosto!

Gente, quanta gente doida! Esses dá pra enxergar. Aquele ali é bem maluco. Dá pra ver pelo olhar. O rosto olhando para o lado, os olhos mostrados pra mim. Acha que eu não percebi? Não adianta disfarçar! Eu que não vou olhar. Vai se ele me atacar! E aquela ali de touca? Essa com certeza é louca. Aquelas de se carregar! Entrou abraçada com a irmã. Acho, não sei, parecida. Ambas sexagenárias. Talvez “sexogenárias”! Talvez sejam até amantes. Morem juntas. Namoradas. Uma delas é guiada. Deve ser a mais doida. A que veio consultar. Uma veio acompanhar. E o doutor, não vai chegar?

E continua a me olhar! Ainda pensa disfarçar. Assim não dá! Não vou notar. E aquele, o de chapéu. Chapéu não é mais distinto. Distinto sou eu! Não minto. Não gosto de samba mesmo! Esse esconde a enfermidade. Talvez pense ocultar. O outro pensa disfarçar. Eita povo pra pensar! Vai ver que então é isso. Pensa? Penso, logo existo. Vou parar de meditar! De ler, de conhecer, sei lá. O de chapéu tem andar torto. É derrame? Mal-estar? Acho que é xarope mesmo! E o doutor, não vai chegar?

Aids, cólera, hepatite. Tanta coisa o ser humano tem pra se degenerar. Vai pifar bem da cabeça! Onde pode ele chegar? Olha isso! Coisa feia. O homem é frágil, somos pouco. Somos isso. Só isso! Só. E o doutor, não vai chegar? Vou até lá perguntar. Eu tenho hora! E perguntei! Não é aqui? Eu me enganei? Aqui é a ortopedia? E a psicoterapia? Era no segundo andar...

Quando se ouve falar em Responsabilidade Social, geralmente vêm à mente imagens de crianças pobres, pessoas com deficiências ou idosos carentes. Essa idéia é equivocada, pois resulta da confusão entre Responsabilidade Social e filantropia. O primeiro conceito é mais amplo e “diz respeito ao cumprimento dos deveres e obrigações dos indivíduos e empresas para com a sociedade em geral” (Wikipédia). Não se limita às organizações, mas é de cada um de nós. Todos temos responsabilidade sobre as outras pessoas, mas muitos não se dão conta da responsabilidade que têm sobre os demais.

Qual a Responsabilidade Social da MENSA? Essa semana um fato me levou a reavaliar essa questão: Perdemos um de nossos membros de forma trágica. Nosso colega Plínio, que se associou em agosto do ano passado, cometeu suicídio. Mas o que leva um jovem de 28 anos, em perfeita saúde física e com inteligência acima da média a tirar a própria vida? Conversei um pouco com seu irmão Júlio e ele me disse que Plínio sempre foi meio “estranho”, era muito fechado e tinha dificuldade de se relacionar com as outras pessoas. Contou também que o triste desfecho se deu após sua noiva romper o relacionamento. Certamente o fim do noivado não foi a causa do ato, mas apenas o último desconforto, que ele não foi capaz de suportar em sua constante angústia.

Quem nunca se sentiu deslocado ou teve dificuldade de se relacionar com pessoas, por ser diferente? Certamente essa não é uma característica de todos, mas sim de uma grande parte dos superdotados.

Muitos têm dificuldades de relacionamento. Por outro lado, quantos já se identificaram facilmente com alguém que conheceram através da MENSA, com aquela sensação de familiaridade absoluta? Ou quem não se sentiu mais normal após um encontro? Eu sempre me sinto muito à vontade nos encontros e já fiz vários amigos. Passei a entender melhor algumas coisas a meu respeito depois que entrei na MENSA e já ouvi vários mensans dizerem o mesmo.

Plínio estava bem entusiasmado com a MENSA, contou para a família quando entrou e tinha uma grande expectativa de conhecer os associados. Participou do AG 2008, solicitou informações sobre encontros e manifestou interesse em participar dos HHs. Infelizmente, não tivemos tempo de conhecê-lo melhor. Será que se tivesse participado de mais encontros, ele também não se sentiria mais normal e menos angustiado? Não teria a MENSA a função de ser um porto-seguro para acolher superdotados?

Neste ponto eu acho que todos temos uma grande responsabilidade em relação aos demais membros. Participar de atividades com mensans talvez seja a melhor chance que alguns têm de fazer amigos. Cada vez fica mais evidente a necessidade de promover mais encontros entre os membros, com atividades estimulantes. É muito importante que a MENSA Brasil se torne mais real e menos virtual. Deixo aqui um apelo para que cada um assuma sua cota de responsabilidade nesse processo.

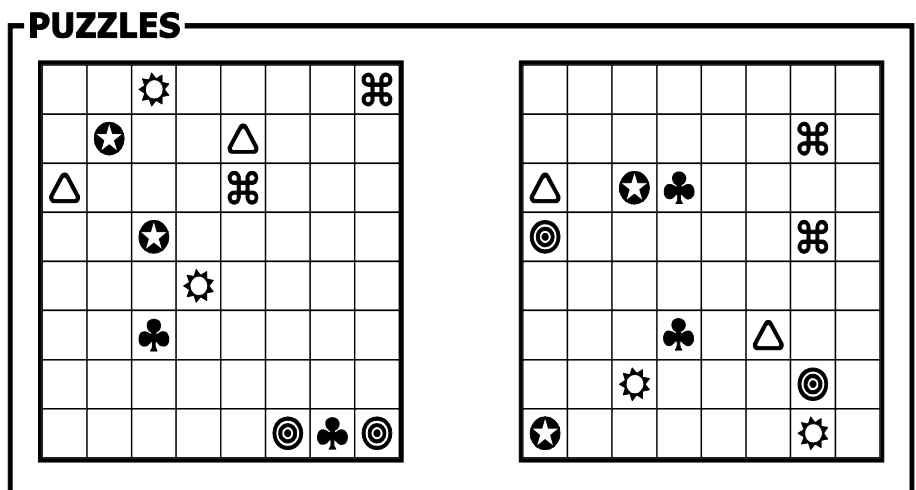
Pares Conectados

por Ricardo Kossatz

Alguns símbolos estão colocados na grade. O objetivo é conectá-los aos pares usando linhas verticais e horizontais, mas nunca diagonais (passando sempre pelo centro dos quadrados).

Todos os quadrados em branco devem ser utilizados uma única vez e dois símbolos iguais não podem ser conectados entre si. Os pares conectados são fixos em cada puzzle, ou seja, se o símbolo [%] for conectado ao [#] uma vez, os dois formam o par [%#] e devem sempre aparecer conectados neste puzzle.

Os quadrados por onde as linhas passam não podem tocar outros quadrados da mesma linha (a não ser, é óbvio, os dois anteriores e dois posteriores de cada quadrado – para permitir que exista uma linha e ela possa fazer curva) e nem tocar outros quadrados pelos quais passam a linha que conecta o outro par de mesmos símbolos.



Em sua obra “Odisséia”, o poeta Homero dá voz a Zeus, o rei dos deuses olímpicos. No Canto I da obra, Zeus exclama: “É de se ver como os mortais se queixam dos deuses! Atribuem a nós a origem de suas desgraças, quando eles próprios, com sua estultice, arranjam tribulações a mais de sua sina.”. Este desabafo de Zeus na antiguidade tem tudo a ver com os dias de hoje, em que as pessoas continuam achando que são vítimas de forças malignas.

De fato, conforme aponta o filósofo e erudito Plutarco, algumas pessoas parecem se deixar levar por uma forma errada de crer nos deuses. Crêem que existem forças malignas que tramam em cada esquina e, com isso, se deixam levar por medos irracionais. Sobre tais temores, estes sim fazem mal, pois a pessoa que teme o invisível não consegue dormir direito e, por não conciliar o sono, também não tem uma qualidade de vida nos momentos despertos. Ainda segundo Plutarco, não faz o menor sentido ter este tipo de temor, pois se os deuses existirem eles são superiores e não nos desejariam o mal de forma alguma.

Na verdade, na maioria das vezes as pessoas usam a crença em forças malignas invisíveis para fugir da própria responsabilidade em relação ao que lhes ocorre. É mais fácil imaginar que existe uma entidade me prejudicando do que assumir que eu mesmo piso na bola em minha própria vida. Independentemente de qual seja a sua crença, quase todas as religiões do mundo pregam que, mais poderosa do que qualquer “energia negativa” que possa ser lançada contra nós, é a nossa própria luz interior. Ainda que a sua religião acredite na existência de entidades malévolas, espíritos obsessores ou *poltergeists*, certamente ela enfatiza que tais entidades só são poderosas quando a nossa própria luz interior está fragilizada. Deste modo, nenhum de nós tem desculpa: se nossa vida tem andado problemática, muito provavelmente a “culpa” não é dos deuses, de forças invisíveis ou de entidades malévolas. A responsabilidade, gostemos ou não disso, é nossa.

Poderíamos fazer uma releitura da crítica de Plutarco, adaptando-a à contemporaneidade, buscando quais são as atuais “forças invisíveis” que podem “tramar contra nós”, prejudicando-nos a existência. Ao invés das vingativas Erinias ou da ciumenta deusa Hera, temos (por exemplo) a temperamental Bolsa de Valores, com suas tremendas oscilações de humor. Esta deusa pós-moderna é capaz de destruir vidas num só dia, e mesmo os céticos investidores se põem a exercícios de futurologia, perguntando aos economistas (pitonisas repaginadas em edição moderna) se a Bolsa, no futuro, cairá ou subirá. Eis a questão: quem sabe? Quem pode afirmar com certeza? Ainda assim, os investidores cruzam os dedos, torcem, orgulhosos de sua intelectualidade que os torna imunes às superstições antigas, sem se darem conta de que rezam internamente e entoam palavras de esperança: “*tomara que suba*”, dizem; “*vamos torcer!*”, rezam, mãos postas e apegadas aos seus celulares encantados. Ocorre que simplesmente “torcer” apenas não adianta, nem tampouco cultivar esperanças, pois a Bolsa, como toda e qualquer entidade metafísica, é de uma indiferença que chega a ser impiedosa.

Qual a solução? Se entendermos que criamos os deuses tanto quanto fomos por eles criados, a Bolsa de Valores deixa de ser uma entidade “fora de nós”, como se tivesse vida própria, e se revela em sua nudez de mero reflexo de nossas dúvidas e angústias. Afinal, se um homem negro sobe à presidência e por conta disso a Bolsa cai, esta deusa tem muito, muito mesmo a dizer sobre nossas próprias mesquinhas e obsessões melanínicas. Não, não são os deuses que nos querem mal, somos nós mesmos. Zeus – quem diria? – estava coberto de razão.

Expediente

Jornal Mensa Brasil

Editorial

André Kemper

Colaboradores

Alexey Dodsworth

Cristiane Costa Cruz

João Batista de A. Neto

Ricardo D. Kossatz

Contribuições

andrekemper@uol.com.br



Mensa Brasil

Pierluigi Piazzi

Presidente

Contato com a Mensa

www.mensa.org.br

Renovação de Anuidade

secretaria@mensa.org.br

Dúvidas, Sugestões e Críticas

ombudsman@mensa.org.br

Sugestões para o Jornal

andrekemper@uol.com.br

Contato com os membros

Lista Nacional

br.groups.yahoo.com/group/mensa_brasil

Mensans em São Paulo

br.groups.yahoo.com/group/mensa-sp

Mensans no RJ

groups.yahoo.com/group/mensa_rio

Mensans na Bahia

br.groups.yahoo.com/group/mensa-bahia

Debates e Desenvolvimento

Mensa Evolução

br.groups.yahoo.com/group/mensa_evolucao

Entretenimento

Piadas

groups.yahoo.com/group/m_piadas

Ficção Científica

br.groups.yahoo.com/group/ficfan